



## II EMPREENDORISMO Santos Silva apela ao risco

# *Em Portugal, se um tipo falha fica marcado*

LUÍSA BESSA lbessa@mediainfin.pt

ARTUR SANTOS SILVA falou pouco de si próprio na primeira conferência do ciclo Grandes Empresários promovido pela sociedade de advogados PLMJ. Preferiu centrar o discurso nas transformações registadas no sistema bancário nos últimos 20 anos, que lhe permitiram apresentar uma história inequívoca de sucesso à assistência que o ouviu anteontem ao fim da tarde na biblioteca do Museu de Serralves, no Porto.

Sobre a sua carreira, que classificou de “epifenómeno” dentro do grande processo, reconheceu que se as nacionalizações foram “um desastre para o país” abriram “oportunidades” do ponto de vista pessoal que de outra forma não teriam acontecido.

“Tinha começado a minha carreira num grande banco e numa grande escola” – o Banco Português do Atlântico. A carreira bancária foi interrompida por força das nacionalizações mas abriu caminho a “uma experiência relativamente curta” e em alguns aspectos “muito frustrante” nas autoridades financeiras (Ministério das Finanças e Banco de Portugal) que contudo lhe deu “uma visão macro

que seria mais difícil de ter se a minha carreira tivesse sido sempre na banca comercial”.

Não fora a revolução e as nacionalizações e “não teria estado ligado a um embrião de banco, que foi um desafio fantástico e extraordinariamente motivador para as pessoas que lá trabalhavam, para os accionistas e para os clientes”, reconheceu o “chairman” do Banco Português de Investimento (BPI).

Os estímulos prosseguiriam com a “compra de bancos muito envelhecidos, o primeiro dos quais numa situação financeira muito difícil (Fonsecas & Burnay)”.

Em síntese, reconheceu ter tido “muita sorte”, quanto mais não seja pelas oportunidades que lhe couberam. Não falou dos riscos que correu,

“

■ **É raro haver uma boa ideia a não ir para a frente por falta de financiamento.**

por exemplo quando, em 1981, encabeçou o projecto de criação da Sociedade Portuguesa de Investimento, que seria o embrião do BPI. Mas tal acabaria por ficar implícito quando reconheceu que existe “falta de empreendedorismo na sociedade portuguesa” e que se deveria investir mais no ensino da matéria.

Se a banca falha ou não falha no apoio ao investimento, Santos Silva considera que, apesar de “os bancos estarem insuficientemente capitalizados” – um dos aspectos no qual o sector nacional compara menos favoravelmente com o desempenho dos concorrentes europeus –, “é raro haver uma boa ideia a não ir para a frente por falta de financiamento”.

E referiu os seis projectos de ideias inovadoras identificados há um ano pela Cotec Portugal, para quatro dos quais “surgiu logo capital de risco mas ainda nenhum se concretizou porque as pessoas não querem dar o salto em frente”. Problema que não atribuiu exclusivamente aos potenciais empresários e que passa por uma mudança cultural: “Em Portugal, se um tipo falha fica marcado”. Esse não foi, seguramente, o seu problema.